

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO CONTRA BARBÁRIE: A CRÍTICA DE ADORNO À EDUCAÇÃO PELA DOR  
MARIA APARECIDA ALVES DA SILVA  
cidaalvesgyn@gmail.com

**RESUMO:**

O presente artigo foi apresentado à disciplina Teoria Crítica e Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação – UFG, ministrada pela professoras Dra. Silvia Rosa da S. Zanolla, como requisito parcial para aprovação na disciplina. O objetivo central deste trabalho foi aprofundar o entendimento sobre a crítica desenvolvida por Theodor W. Adorno à educação pela dor. Na *INTRODUÇÃO* deste texto foi exposto o impacto da violência física na saúde e no desenvolvimento de crianças e adolescentes. Na apresentação da publicação *Impacto da violência na saúde do brasileiro*, Jarbas Barbosa da Silva Júnior e Horacio Toro Ocampo, enfatizam que a maior ameaça à vida das crianças e dos jovens no Brasil não são as doenças, mas sim a violência (SILVA JR.; OCAMPO, 2005). No Brasil e no mundo ocidental, os fatores preponderantes das mortes de crianças e de jovens não são mais as enfermidades de origens biomédicas e sim o estilo de vida. Um elemento agrava ainda mais a situação de violência vivida por crianças e adolescentes no Brasil. A maioria dos casos acontece dentro de casa e tem como principal agressor os próprios pais biológicos. A violência que afeta as crianças brasileiras ocorre predominantemente na relação familiar. De acordo como os resultados obtidos no Inquérito do Sistema de Vigilância em Violência e Acidentes/ Ministério da Saúde (VIVA; 2007), 61 % das crianças e 92% dos adolescentes tiveram como causa principal de internação a violência física. Os dados dos inquéritos realizados nos anos de 2006 e 2007 apontam que a mãe (25%) seguida pelo pai (20%) são os principais autores de violências contra crianças (0 - 9 anos de idade). Uma década antes as estatísticas inglesas já confirmavam a tendência evidenciada no inquérito do Sistema Vigilância em Violências e Acidentes (VIVA 2006/2007). Outras fontes confirmam a grande incidência da violência física

em crianças. Durante dez anos, de janeiro de 1989 a junho de 1999, a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (Abrapia) atendeu crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica no estado do Rio de Janeiro. Dos 1.169 casos atendidos no SOS Criança, 65% eram de violência física, 51%, de violência psicológica, 49%, de negligência e 13%, de violência sexual. Na análise dos dados apresentada pela Abrapia 93,5% dos agressores tinham vínculo familiar com a vítima, e 52% das agressões foram cometidas pelas mães biológicas (ABRAPIA, 1999). As estatísticas brasileiras de morbimortalidade de crianças e adolescentes e algumas pesquisas internacionais evidenciam a magnitude e a letalidade da violência física. De acordo com os Serviços de Proteção à infância dos Estados Unidos da América (EUA), a violência contra crianças que termina em morte tem subido regularmente desde 1997. O índice de mortes em decorrência da violência subiu de 1,3 por 100 mil habitantes para 1.81 entre 1985 e 1995, ou seja, 39% de aumento. Uma pesquisa realizada na Inglaterra, com base nos óbitos registrados nos Serviços de Proteção à Infância, de 1991 e 1995, indica como o número de mortes decorrente da violência física predomina em relação às outras formas de violência (*apud* AZEVEDO; GUERRA, 1995). Pesquisas nacionais e internacionais (WEBER, 2001; ASSIS, 2004; STRAUS, 1991, VYGOTISKI, 2004) apontam os riscos ou disfunções que a prática de educar os filhos pela violência física pode desencadear no desenvolvimento da criança. Os resultados dessas pesquisas indicam que: a) as punições físicas oferecem um modelo inadequado de os adultos lidarem com situações de conflitos, que é o uso da força, da violência; b) a restrição imediata de um comportamento inadequado pelo uso da dor impede pais e filhos de conhecerem as origens das dificuldades e suas motivações, em razão do que fica mais difícil a sua real elaboração e superação; c) a violência física facilita o surgimento de desvio no comportamento, como esconder ou dissimular o comportamento inadequado por medo da punição física; d) o comportamento desejado só acontece na presença do adulto que pune, pois o controle dele se dá por coação externa e não pela aceitação íntima da criança ou adolescente; e) aparecem dificuldades na aprendizagem e na internalização das regras e dos valores de certo e errado, pois a violência física vem associada a sentimentos e sensações negativas; f) aumentam-se as chances de aparecerem dificuldades na aceitação da figura de autoridade. Vários campos do conhecimento alertam sobre os riscos que a violência física praticada contra crianças agrega a ela. No

*DESENVOLVIMENTO* deste artigo, a partir dos ensaios *Educação após Auschwitz*, *Educação contra a Barbárie*, *Educação e emancipação* e *Tabus acerca do magistério*, realizou-se uma discussão sobre as reflexões e as críticas de Adorno à educação que utiliza a violência física como instrumento “pedagógico”. Ao discutir a questão da imagem do professor, no ensaio *Tabus sobre o magistério*, Adorno (1995d) destaca como a sociedade ainda permanece baseada na força física. Para Adorno, a educação não está imune a essa realidade social, como bem ilustra o Processo de Kafka. Mesmo após a proibição dos castigos corporais, o professor é ainda associado à imagem daquele, que fisicamente mais forte, castiga o mais fraco. Para Adorno (1995a) a brutalidade de hábitos, tais como os trotes é precursora imediata da violência nazista. O enaltecimento e cultivo pelos nazistas de práticas violentas em nome dos “costumes” tinham uma função no processo de construção do homem idealizado por eles. Sobre a educação tradicional que adota a severidade e a frieza como um modelo ideal de comportamento, Adorno diz que o “elogiado objetivo de “ser duro” de uma tal educação significa indiferença contra a dor em geral. No que, inclusive, nem se diferencia tanto a dor do outro e a dor de si próprio. Quem é severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo também com os outros, vingando-se da dor cujas manifestações precisou ocultar e reprimir (ADORNO, 1995a, p. 128 e 129). Adorno (1995c), em *Educação e emancipação*, compreende que a experiência formativa caracteriza-se pela difícil mediação entre o condicionamento social – o momento de adaptação – e o sentido autônomo da subjetividade – momento de resistência. Para o autor, uma das principais tarefas da educação é resistir à barbárie, pois ela é justamente o contrário da formação cultural. Ainda que o alcance e as possibilidades concretas da escola sejam por demais restritas, a desbarbarização do homem deve ser o seu principal objetivo. O autor, ao opor a educação à barbárie, expressa o desejo de que, “por meio do sistema educacional as pessoas comecem a ser inteiramente tomadas pela aversão a violência física” (ADORNO, 1995c, p. 165). Nas *CONSIDERAÇÕES FINAIS* foram apresentadas algumas considerações sobre os avanços que o pensamento de Adorno oferece à crítica da educação de crianças e adolescentes pela dor. As reflexões de Adorno fornecem importantes chaves de leitura para o real entendimento das origens formativas da mentalidade autoritária que gerou o fascismo e, por consequência, barbáries como *Auschwitz*. No entanto, como qualquer teórico, ele expressa as limitações de seu próprio tempo ao legitimar certas

práticas punitivas dos pais por meio da violência física. Ao supor que exista uma autoridade legítima no momento em que um pai dá uma palmada na criança porque ela arrancou as asas de uma mosca, Adorno evidencia como é difícil não derrapar na viscosa e insidiosa armadilha da razão instrumental, ou seja, a de que os fins justificam os meios. Por fim, foi exposto o entendimento de que a violência, seja ela extravagante ou recatada, sempre cumpre o mesmo papel, subjugar e controlar o outro. Portanto, são inconciliáveis os métodos violentos com a educação que tem como compromisso promover o desenvolvimento e a autonomia do sujeito. Os riscos proporcionados pela prática de educar os filhos por meio dos castigos físicos não se restringem apenas à intensidade da violência e sim ao princípio do método, que é provocar dor e sofrimento físico para alcançar certa finalidade. Está no cerne desse método a idéia de que os fins justificam os meios. Do ponto de vista ético, não faz diferença se a dor aplicada na criança é moderada ou imoderada. A impostura está em acreditar que se pode lesar a integridade de alguém para que se atinja um determinado fim. Nesse sentido, deve-se questionar o princípio desse método, pois ele tem como único recurso pedagógico a dor e sofrimento do aprendiz. Além do aspecto ético, cabe questionar os fundamentos educativos da prática de bater para educar os filhos. Controlar, manipular, coagir ou manter as ações da criança, por meio da dor ou do medo é educar? Caso se acredite que a educação deve promover o desenvolvimento e a emancipação do sujeito, com certeza, a resposta a essa pergunta é negativa. Acredita-se que a razão instrumental (ARENDDT, 1994) é um impedimento real a qualquer processo educativo, que tenha como norte os valores como a liberdade, a solidariedade e a justiça.

**Palavras chave:** educação, crianças e adolescentes, violência física e teoria crítica.

#### REFERÊNCIAS:

- ADORNO, T. W. *Educação após Auschwitz*. In: Educação e emancipação. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1995a.
- \_\_\_\_\_. *Educação contra a Barbárie*. In: Educação e emancipação. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1995b.
- \_\_\_\_\_. *Educação e emancipação*. In: Educação e emancipação. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1995c.
- \_\_\_\_\_. *Tabus acerca do magistério*. In: Educação e emancipação. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1995d.
- ARENDDT, Hannah. *Sobre a violência*. Tradução de André Duarte. Rio de Janeiro: Relume-Damara, 1994.

ASSIS, Simone Gonçalves *et al.* *Violência e representação social na adolescência*. Revista Pan-Americana de Salud Pública. 2004.

\_\_\_\_\_; DESLANDES, Suely Ferreira. Abuso físico em diferentes contextos de socialização infante - Juvenil In: BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria da Atenção à Saúde. *Violência faz mal à saúde*. Coordenação de Cláudia Araújo de Lima *et. al.* Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÇÃO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (Abrapia). *Dados sobre violência doméstica praticada contra crianças e adolescentes no Estado do Rio de Janeiro de 1989 a junho de 1999*. Rio de Janeiro: Abrapia, 1999.

AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane N. de Azevedo. *Telecurso de especialização na área de violência doméstica contra crianças e adolescentes*. São Paulo: Laci/Ipusp, 1995.

BRASIL. Resultados da vigilância de violências e acidentes - Viva 2006 - 2007. Apresentado por Marta Maria Alves da Silva In: *Seminário de Lançamento do Guia Linha de cuidado para a atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violências*. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Secretaria Especial de Direitos Humanos. *Relatório das denúncias realizadas de janeiro a junho de 2010 do Serviço de proteção dos direitos humanos de crianças e adolescentes – Disque 100*. Brasília, 2010.

CONFERÊNCIA NACIONAL DE BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Relatório anual*. São Paulo: CNBB, 1999.

DICKEL, Adriana. *Que sentido há em se falar em professor-pesquisador no contexto atual? Contribuições para o debate* In: GERALDI, Corinta Maria Grisolia *et. al.* (orgs.). *A. Cartografia do trabalho docente: professor (a)-pesquisador (a)*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998. (Coleção Leituras no Brasil.).

GIMENO SACRISTÁN, José. *O aluno como invenção*. Porto: Artmed, 2005.

GONZAGA, Luiz. *Volta pra curtir*. Show ao vivo de Luiz Gonzaga gravado em 1972. Lançamento do CD pela RCA, 2001.

MARQUES, Maria Aparecida Barbosa *et al.* *A disciplina como forma de violência contra crianças e adolescentes* In: MARQUES, Maria Aparecida Barbosa (orgs.) *Violência doméstica contra crianças e adolescentes*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 21 – 33.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DA SAÚDE (Opas). *Violência y salud: resolución no XIX*. Washington, 1994. Coleção Grandes Cientistas Sociais.

SÃO PAULO. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo/Crianças desaparecidas, Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República. *Estudo causal sobre o desaparecimento infante-juvenil*. São Paulo : Segurança Pública do Estado de São Paulo, 2005.

SILVA JR, Jarbas Barbosa; OCAMPO, Horacio Toro. Apresentação. In: *Impacto da violência na saúde dos brasileiros* / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

STRAUS, M.A. *Measuring intrafamily conflict and violence: The conflict tactics (CT) scales*. *Journal of Marriage and Family*, v.41, n.1, p. 75-86, 1979.

WEBER, Lídia Natalia Dobrianskyj. *Quem ensina a violência?* *Conjuntura Social*. Rio de Janeiro, n. 6, p. 38-43, 2001.